



**O PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA NO PENSAMENTO DE ANTONIO GRAMSCI:
PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

Evandro Santos Duarte^{*}
Vanderlei Gularte Farias^{**}
Neiva Afonso Oliveira^{***}

Resumo: O texto busca refletir sobre o processo de formação humana pensada pelo filósofo italiano Antonio Gramsci (1891-1937), partindo da concepção de cultura apresentada em alguns dos escritos do autor italiano. Percebemos já nesses textos, que na sua maioria foram escritos na juventude do pensador, sua preocupação de que a formação aconteça por meio de um sólido conhecimento cultural. Defendendo que a cultura é um bem universal, que todos devem ter acesso, pensa ser esse o caminho para pensarmos maneiras de superar a sociabilidade vigente que tanto oprime e aliena o ser humano. Tendo no horizonte a emancipação dos sujeitos. O trabalho apresenta de forma sucinta as elaborações gramscianas, não podendo com isso pensarmos ser apenas isso que o filósofo sardo defende.

Palavras-chave: Antonio Gramsci. Formação humana. Cultura. Emancipação.

Considerações iniciais

O processo de formação não acontece como uma evolução natural e não podemos encontrar a síntese de forma *a priori*. Ele constrói-se no cotidiano e nos mais diversos espaços. A educação escolar é um desses espaços, talvez seja o mais significativo, mas não é o único. Por isso, o filósofo italiano Antonio Gramsci (1891-1937) pensou a formação não unicamente nos espaços escolares, também no partido, nos sindicatos, nos conselhos, na igreja, em ambientes onde os sujeitos possam construir interação com outro sujeito, ou com algo que modifique a si mesmo.

^{*} Mestrando em Educação no PPGE-UFPel na linha de Filosofia e História da Educação sobre Orientação da Prof. Dra. Neiva Afonso Oliveira. Grupo de pesquisa FEPráxis. E-mail: evandrosduarte@gmail.com.

^{**} Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Câmpus de Frederico Westphalen. E-mail: profvand@gmail.com.

^{***} Doutora em Filosofia. Professora Associada do departamento de Fundamentos da Educação – UFPel. Grupo de pesquisa FEPráxis. E-mail: neivaafonsooliveira@gmail.com.

Pensar a formação humana em Gramsci é pensar formas de construir a emancipação humana, construir as condições históricas para a “sociedade regulada”. Mas, para entendermos o conjunto dos conceitos gramscianos, é preciso considerar de onde o pensador sardo fala, compreendendo-o como um sujeito histórico que está em determinado tempo, produzindo a si mesmo na luta incessante pela derrocada do capitalismo e a construção de outra sociabilidade. Gramsci viveu seu momento histórico intensamente; por isso, precisamos entendê-lo nesse contexto, como intelectual orgânico da classe subalterna, que busca construir as condições históricas para a emancipação humana (emancipação de pensamento e de condições materiais). Gramsci produziu sua obra em conformidade com suas condições de político e revolucionário, homem que lutou pela transformação radical da sociedade. É assim que temos que entender seus escritos, seus conceitos (VIEIRA, 1999). Concordamos com Bobbio (2002), no que se refere ao fato de que Gramsci deve ser avaliado e considerado por si mesmo.

[O legado gramsciano é] "de excepcional interesse e sua influência foi, sem dúvida, muito fecunda. Penso, entretanto, que não se deve buscar nele um elenco de respostas prontas para os problemas do presente. Para ser corretamente avaliado, Gramsci precisa ser situado historicamente, precisa ser compreendido no seu meio, na sua situação" (LUKACS, entrevista a Leandro Konder, apud VIEIRA, 1993, p. 48).

Os conceitos gramscianos enriqueceram a teoria marxista, muito embora, na maioria das vezes os conceitos têm sido utilizados de maneira diversa daquela pensada pelo comunista sardo. Por este motivo, é importante sabermos e considerarmos que Gramsci pensa sua teoria a partir de uma realidade diferente da de Lenin e da de Marx. Assim, existem proximidades e afastamentos naturais de um intelectual que pensou seu tempo com base teórica em grandes pensadores.

O texto não pretende trabalhar com as obras de Gramsci a partir de uma concepção (de uma única interpretação), mas analisar e buscar em seu pensamento elementos para pensar a formação humana, trazendo conceitos e elementos que se mostram necessários nesse momento histórico tão contraditório e preocupante. Gramsci não pode ser visto como autor de fórmulas ou imperativos categóricos, mas como um autor que pensou a sua Itália e o seu momento histórico. Assim, devemos pensar com ele, o nosso momento histórico, a nossa realidade. Gramsci pode ajudar tanto na luta quanto na construção do projeto progressista necessário para superarmos a alienação. Pensar a formação humana em Gramsci é pensar na luta política pela emancipação.

1 Panorama geral sobre a concepção de formação humana em Antonio Gramsci

A formação das novas gerações tem papel fundamental nos processos de conservação ou transformação das sociedades. Por isso, Gramsci pensa o processo de educação como questão estratégica na busca por outra sociabilidade¹. Ele não considera a cultura e a política como meras consequências da estrutura econômica. É um erro a interpretação dos teóricos marxistas que se utilizando de Karl Marx, subordinavam simplesmente estas duas esferas à questão econômica, produzindo efeitos prejudiciais à luta política da classe subalterna. Para entendermos a sociedade, é preciso compreender a natureza da cultura e da política, já que é por elas que se consolida a vida material, sendo que, da mesma forma, elas podem ser o eixo revolucionário para a construção de um novo projeto societário².

Partindo da perspectiva da formação humana³ encarando-a como meio da luta revolucionária, constata-se existir uma vinculação inerente entre a práxis política, a luta cultural e a formação humana⁴. É possível pensar com Gramsci e para além de Gramsci uma teoria da formação humana, que evite a redução da compreensão do processo formativo ao desenvolvimento individual de forma isolada, não pensando a formação do indivíduo de forma determinista e nem os sujeitos como produtos passivos do meio social (VIEIRA, 1999).

O autor marxista que em seus *Cadernos*, e até mesmo em seus *Escritos Políticos*, está mais interessado em saber o que é a educação na realidade (MONASTA, 2010), deixou-nos elementos importantes para pensarmos o processo de formação humana relacionado diretamente com a práxis política.

¹ Segundo Vieira (2002), na Itália são poucos os teóricos que estudam suas ideias a partir de problemas ligados ao campo pedagógico. Ao contrário do Brasil, que teve um período de grande influência teórica na pesquisa em educação.

² Isto não significa afirmar que há uma supremacia da luta no plano cultural ou ideológico em relação ao plano econômico – tese adjetivada de culturalista – mas sim de mostrar como acontece a disputa pela hegemonia no campo cultural e político (VIEIRA, 1999).

³ De modo geral, podemos entender a formação humana como o processo de humanização do homem, no qual o ser natural passa pelo processo formativo tornando-se um ser cultural. É consenso a definição de formação humana como educação.

Para Saviani (2013c), os termos “educação” e “formação humana” são sinônimos. Mas isso só se confirma no plano formal; quando passamos ao plano concreto, essa sinonímia não é tão clara. No plano concreto, pode ocorrer que a educação não aconteça como processo de formação do homem, mas como uma deformação. Partindo deste ponto, precisamos distinguir os conceitos de educação e formação humana, pensando sempre em que grau a educação configura-se como processo de formação humana. Busca identificar quando o processo educativo no plano concreto está direcionando para a deformação e quando ele realmente acontece como formação é tarefa dos intelectuais formadores.

⁴ Para Vieira (1999), e de acordo com o pensamento gramsciano, fazer política, significa intervir sobre a ambiência cultural, criando as condições para a construção de princípios de civilidade que se tornem regras de conduta.

A formação não acontece apenas na escola, ou seja, não é apenas nas relações escolares que as novas gerações entram em contato com as antigas e absorvem as experiências e os valores historicamente constituídos (MARTINS; NEVES, 2013, p. 353). Para ele, a relação pedagógica acontece no trabalho, na igreja, nos conselhos, nos sindicatos, e transpondo para contemporaneidade, certamente as chamadas *redes sociais* têm papel fundamental na construção do consenso dos grupos sociais, principalmente para a manutenção da ideologia proposta pela classe dominante hoje.

No entanto, é necessário esclarecer que pensar Gramsci a partir do campo pedagógico não significa afirmar ou mesmo criar um Gramsci teórico da educação, ou um pedagogo *stricto sensu*. A análise do mosaico teórico de Gramsci nos leva inevitavelmente à teoria política, ou, como o próprio Gramsci admite: à arte e à ciência política. Não julgamos ser possível escapar dessa questão, mas o que pensamos ser possível e também importante fazer é trazer à luz que, de dentro de sua teoria política, há uma importante concepção de formação, que se não estava ainda completa e pronta, traz princípios fundantes capazes de construir a formação humana tendo sempre no horizonte a emancipação humana.

2 Gramsci e o processo de formação humana

Gramsci busca entender dentro da realidade de seu tempo a formação dos subalternos. Para ele, é fundamental a apropriação da “alta” cultura de cunho filosófico e científico que possibilita a chance de que a classe subalterna saia da visão de mundo desagregada (que em alguns momentos vive) para uma elaboração filosófica que permita a superação da realidade alienante, construindo uma consciência de sua própria existência tornando-se senhor de si mesmo (GOMES, 2013), como ele próprio escreve em seu primeiro texto de 1910, “Oprimidos e opressores”: “[...] O homem, que em certo momento se sente forte, com a consciência da própria responsabilidade e do próprio valor, não quer que nenhum outro lhe imponha sua vontade e pretenda controlar suas ações e seus pensamentos [...]” (GRAMSCI, 2004, p. 159).

Como militante político e intelectual ligado à classe subalterna, Gramsci tinha a preocupação de identificar as estratégias utilizadas pelas várias frações da classe dominante. O modo como a classe dirigente obtinha o consentimento ativo ou passivo do conjunto da sociedade para aceitar sua concepção de mundo, ao seu projeto político e às formulações e práticas culturais e políticas (MARTINS; NEVES, 2013) são, também, objeto de análise de

Gramsci. O pensador tinha esta preocupação porque pensava que ao identificarmos como a classe dominante chega ao consenso da classe subalterna seria possível construir estratégias para reverter a lógica da hegemonia dominante.

Ele pensava o processo de formação como meio para a classe trabalhadora tornar-se dirigente político, econômico e cultural. Assim para ele: “o valor mais importante não é que o camponês torne-se agrônomo ou que o pedreiro vire mestre, mas que o subalterno chegue a ser governante” (SANTOS, 2013, p. 109-110). Enxerga no processo formativo uma função crítica, mas que só acontece de maneira fundamentada com uma formação cultural sólida (MONASTA, 2010).

[...] Gramsci pensa a questão da formação do indivíduo como uma função estratégica da política de implementação do projeto de uma classe, na perspectiva de se fazer hegemônica, como tarefa de uma vanguarda sobre a militância, como responsabilidade dos mais velhos perante os mais jovens, na perspectiva de criar formas mais avançadas de civilidade (VIEIRA, 1999, p. 51).

Concerne, então, entendermos como as questões culturais, da luta cultural e da formação humana inserem-se na teoria política gramsciana, partindo da ideia de que para Gramsci todos os eixos formativos direcionam-se para a luta política da classe subalterna e para a conquista da hegemonia desta classe. Neste sentido, torna-se importante entendermos como Gramsci elabora o seu conceito de cultura. Conceito este que está colocado como um ponto central na elaboração da sua concepção de formação humana, como elemento do processo complexo e contraditório de disputa cultural para a construção da hegemonia da classe proletária (VIEIRA, 1999).

3 A concepção de cultura gramsciana e o processo de formação humana: primeiras aproximações

É importante dizer que o pensador italiano não tinha como preocupação central teorizar a noção de cultura (MARTINS; NEVES, 2013). Mas, já percebemos em seus escritos pré-cárcere (principalmente entre 1916-1920) o germe da questão cultural⁵. Escritos que estão estreitamente relacionados com suas intervenções políticas. Nesse período, Gramsci direciona

⁵ Nesse período, Gramsci está ligado ao movimento socialista italiano e assim, ele tinha no seu ideal uma sociedade socialista; no período seguinte, vemos um Gramsci comunista, muito ligado ao ideal de sociedade defendida pela União Soviética de Lenin. No período de 1916-1920 vê-se um Gramsci ainda ligado às teorias idealistas, mas isto não significa que haja um corte epistemológico no pensamento do autor sardo, mas que há uma superação por incorporação destas concepções (idealista/materialista).

sua crítica ao academicismo e ao positivismo, presentes na vida universitária italiana. Gramsci, que compreendia ser a cultura o único bem universal, mesmo que o seu acesso fosse restrito a apenas uma classe, defendia que esta situação não poderia perdurar (VIEIRA, 1999).

A escola média e superior, que são estatais – ou seja, pagas com os recursos do tesouro nacional e, portanto, também com os impostos diretos pagos pelo proletariado –, só podem ser frequentadas pelos jovens filhos da burguesia, que desfrutam da independência econômica necessária para a tranquilidade dos estudos. Um proletário, ainda que inteligente, ainda que com todas as condições necessárias para tornar-se homem de cultura, é obrigado ou a desperdiçar suas qualidades em outra atividade, ou a tornar-se obstinado, autodidata, ou seja, com as devidas exceções, meio homem, um homem que não pode dar tudo o que poderia dar caso tivesse se completado e fortalecido na disciplina da escola. A cultura é um privilégio. A escola é um privilégio. E não queremos que sejam assim. Todos os jovens deveriam ser iguais diante da cultura. [...] é também do interesse geral que possam ter acesso a elas todos os que são inteligentes, qualquer que seja sua condição econômica. O sacrifício da coletividade só se justifica quando se dá em benefício dos que merecem. Por isso, o sacrifício da coletividade deve ser, sobretudo, para dar às pessoas de valor aquela independência econômica necessária para que possam consagrar tranquilamente seu tempo aos estudos e para que possam fazê-lo com seriedade (GRAMSCI, 2010e, p. 65).

Gramsci, citando a interpretação que Giambattista Vico (1668-1744) recorda sobre o “conhece-te a ti mesmo” socrático, reflete sobre a questão de os trabalhadores pensarem que são de *origem baixa*, enquanto burguesia de *origem divina*. Critica esta perspectiva e defende que *todos têm a mesma natureza humana*. A única diferença entre as duas classes reside nas condições socioeconômicas, com a ressalva de que a classe trabalhadora detém as mesmas capacidades de alcançar certo grau de cultura. Para Gramsci, a mesma natureza humana pode ser percebida no fato de que todos têm conhecimento, que nem sempre é sistematizado, mas acaba sendo certa forma de cultura, já que a prática do trabalho também agrega saber a cultura (GRAMSCI, 2010a). Afirmando que:

É preciso perder o hábito e deixar de conceber a cultura como saber enciclopédico, no qual o homem é visto sob a forma de recipiente para encher e amontoar com dados empíricos, com fatos ao acaso e desconexos, que ele depois deverá arrumar no cérebro como nas colunas de um dicionário para poder então, em qualquer altura, responder aos vários estímulos do mundo externo. Esta forma de cultura é deveras prejudicial, especialmente para o proletariado (GRAMSCI, 2010a, p. 52).

O proletariado precisa reconhecer no que faz uma forma de cultura, que talvez ainda não esteja refletida e organizada, mas que traz em si elementos importantes para a sua própria formação. Dizendo que a cultura é algo diverso do que naquele momento dizem ser, afirmando que ela é a organização, a disciplina do próprio eu interior, a tomada de posse da própria personalidade, a conquista da consciência superior que possibilitam ao sujeito

compreender o seu valor histórico. Cultura é também, apropriar-se e saber a respeito dos próprios direitos e deveres (GRAMSCI, 2010a).

Gramsci, no texto, “A universidade popular” questiona outro ponto importante a partir da experiência da “universidade popular”, porque é tão difícil a classe trabalhadora ter um organismo de divulgação de cultura, uma vez que aqueles espaços a assumirem e terem esse papel não o cumprem. Para ele, há espaços formativos que são uma chama fria, não tendo função social nenhuma no processo de organização da cultura (GRAMSCI, 2010d).

Nos seus *Escritos Políticos*, Gramsci vai ampliando seu conceito de cultura, não recusando a ideia de cultura como um bem universal, mas ampliando a compreensão e dizendo que cultura não é somente algo produzido por intelectuais dependendo apenas da iniciativa da classe dirigente, que impõe às classes populares um modo de ser específico; pelo contrário, a classe subalterna também tem o conhecimento; ocorre que, ele só não está sistematizado dentro da lógica comumente pensada (VIEIRA, 1999).

Nos *Cadernos*, Gramsci amplia o conceito de cultura e a percebe como modo de viver, pensar e operar, ou, como um modo de ser e viver de uma sociedade no seu desenvolvimento do processo histórico. Para Bobbio (2002), Gramsci entendia cultura como uma concepção da vida e do homem, uma religião laica, pensada para além da concepção burguesa, mais ampla, menos exclusivista.

Gramsci situa o domínio da cultura como o centro da formação humana, ofertada tanto no campo propriamente mais escolar, quanto nos outros espaços sociais onde os indivíduos sociais interagem. As ideias de Gramsci buscam sempre enfatizar que o trabalho de formação cultural é necessário para qualquer projeto formativo, principalmente aqueles pensados no campo da escola e adotados pelo Estado (GOMES, 2013).

Com uma formação sólida, seria possível que a classe subalterna construísse a nova hegemonia cultural necessária para uma nova forma de sociabilidade, que naquele momento, Gramsci defendia ser o socialismo. O autor pressupunha que o socialismo não era apenas uma ideia, uma inclinação do sujeito, mas uma visão integral da vida, uma cultura que se expressava pelas suas organizações. Mas, isto só aconteceria se houvesse um acesso amplo à cultura, pois ela determina todo um modo de vida novo (VIEIRA, 1999).

O socialismo produziria culturalmente o que Gramsci denominou de moderno humanismo, pois reconhecera toda a cultura como um bem universal, um bem que todos os homens deveriam usufruir livremente, porém, em contraste com o antigo humanismo renascentista, incluiria na sua acepção da cultura a questão das modernas técnicas produtivas e dos processos de produção próprios do mundo moderno inaugurado pela indústria. Essa nova visão de cultura determinou uma

substantiva modificação na sua concepção da tática e da estratégia do movimento socialista, pois a cultura não é mais o terceiro *front*, ao lado do político e do econômico, mas sim o *front* que inclui todas as dimensões de um modo de vida, de uma civilização, de um projeto de reforma integral da sociedade (VIEIRA, 1999, p. 60, grifo do autor).

É a luta cultural que deve ser travada pela conquista da hegemonia, onde novos valores são trabalhados com a classe subalterna para que ela se reconheça como classe revolucionária. Esta “consciência de classe” só é possível com uma formação cultural sólida, que também considere a cultura constituída pelas gerações passadas. Gramsci compreende a formação cultural, sua organização e o processo de difusão desta nova cultura como um processo de afirmação política da classe operária, tendo estas questões presente em toda a sua construção teórica (VIEIRA, 1999)⁶. No texto “Homens ou máquinas”, ele reafirma seu posicionamento de que,

Nosso Partido ainda não se pronunciou sobre um programa escolar preciso, que se diferencie dos programas atuais. Concentramo-nos até agora em afirmar o princípio genérico da necessidade da cultura, seja elementar, profissional ou superior; e este princípio foi por nós desenvolvido e propagandeado com vigor e energia (GRAMSCI, 2010e, p. 64-65).

Gramsci que, desde seus primeiros escritos vai defender que em todos os sujeitos há um modo de vida, uma cultura, afirmando com isso que todos são cultos, coloca em sua práxis política a necessidade do proletariado lutar pela escola para que tenha em seu programa a cultura como ponto central (GRAMSCI, 2010e). Nos seus *Cadernos*, vai refinar esta ideia, dizendo que todos são filósofos, todos têm uma concepção cultural e cabe à classe organizar esta concepção – que poderíamos dizer que ainda é caótica – de modo a transformar os saberes num saber sistematizado. É por meio deste saber que acontecerá a superação das crenças construídas que impedem a organização do proletariado e a construção da hegemonia da classe. Nessa direção, Gramsci afirma que todos os operários e camponeses possuem a capacidade crítica, não são meros receptores da cultura, mas críticos e produtores de conhecimento (GRAMSCI, 1999).

⁶ O pensador sardo começa a elaborar uma teoria da formação humana quando começa a entender que o processo revolucionário da sociedade é precedido por um processo cultural revolucionário. Um exemplo disto é a mudança que o próprio Gramsci promove em sua vida: “[...] Gramsci troca o trabalho nos periódicos socialistas *Grido del Popolo* e o *Avanti* pela direção da revista de cultura socialista *L’Ordine Nuovo*; o curso universitário pela experiência de organização da classe operária em Conselhos de Fábrica; o Clube de Vida Moral pela organização da versão italiana do *Proletkult* soviético; a militância no Partido Socialista pela direção do Partido Comunista da Itália” (VIEIRA, 1999, p. 58).

Gramsci defende a necessidade de um processo formativo que se proponha a formar homens e não máquinas. Naquele momento, segundo o próprio Gramsci, a corrente humanista e a profissional “chocavam-se” no campo do ensino popular; para ele, é preciso fundi-las, lembrando sempre que antes de ser operário, o homem é um homem. Assim, não podemos sujeitá-lo à máquina (GRAMSCI, 2010e).

Uma formação fundamentada na filosofia e em preceitos do conhecimento humanista encontra adversários principalmente quando afirma verdades que atingem interesses particulares, mas para Gramsci “[...] não são simples episódios polêmicos ocasionais: são confrontos necessários entre os que representam princípios fundamentalmente diversos” (GRAMSCI, 2010e, p. 64).

Em, “A escola de cultura”, Gramsci (2010f) expõe o primeiro curso de Escola de Cultura e Propaganda Socialista, que o Partido Socialista Italiano construiu por volta de 1919 na Itália. Chama atenção para o fato do modo como ocorre o ensino quando se estabelece uma relação entre quem fala e quem escuta e afirma existir uma aprendizagem significativa nessa interação, que acontece em meio a uma corrente viva de inteligência e simpatia.

A nossa escola é viva porque vós, operários, lhe trazeis a melhor parte de vós, a que a fadiga da fábrica não pode enfraquecer: a vontade de vos tornardes mais esclarecidos. Toda a superioridade de vossa classe, neste confuso e tempestuoso momento, vemo-la expressa neste desejo de adquirir conhecimento, de vos tornardes capazes, donos do vosso pensamento e da vossa ação, artífices diretos da história da vossa classe (GRAMSCI, 2010f, p. 68).

Para Gramsci, o processo de apropriação da cultura pela classe subalterna é necessário para a derrocada do capitalismo; é necessário fazer a crítica à civilização capitalista, por meio da consciência unitária e crítica do proletário. E a crítica quer dizer cultura e não evolução espontânea. Por isso, para o pensador comunista, conhecer-se a si próprio é ser dono de si próprio, sendo que é da própria ordem e da disciplina que tendemos para uma nova sociabilidade. Mas, para isso, é preciso conhecer os outros, a história, e o modo como aconteceram os esforços dos homens para chegar até hoje. Para criamos a civilização que queremos, precisamos conhecer a civilização que queremos substituir, conhecendo as leis que governam o espírito (GRAMSCI, 2010). “E aprender tudo sem perder de vista o objetivo último que é o de conhecer-se melhor a si próprio através dos outros e os outros através de si próprio” (GRAMSCI, 2010a, p. 54-55).

Para o marxista sardo, o homem é sobretudo espírito, é uma criação histórica e não simplesmente natureza, porque “não se explicaria de outro modo a razão por que, tendo

sempre existido explorados e exploradores, criadores de riqueza e seus consumidores egoístas, não se tenha ainda realizado o socialismo” (GRAMSCI, 2010a, p. 53). A revolução acontece quando tomamos consciência das limitações impostas, as revoluções só acontecem quando, por meio da reflexão, que primeiro começa por alguns e depois por toda a classe, toma uma proporção ampla, mas o primeiro ponto para que ela aconteça é a sistematização do saber acumulado pela classe revolucionária. Dessa forma,

[...] Isso quer dizer que cada revolução foi precedida por um intenso trabalho de crítica, de penetração cultural, de permeabilização de ideias através de agregados de homens, primeiro refratários e somente virados para resolver dia a dia, hora a hora, o seu problema econômico e político, sem laços de solidariedade com os outros que se encontram nas mesmas condições (GRAMSCI, 2010a, p. 53).

O pensador sardo utiliza o exemplo da Revolução Francesa para expor que toda revolução é precedida por uma mudança cultural, dizendo que o período cultural anterior à Revolução Francesa, o Iluminismo, não foi um esvoaçar de inteligências superficiais que discorriam a respeito de tudo e de todos, como os críticos “fáceis” da razão teórica imaginam. Os homens daquele tempo não imaginavam fazer parte daquela cultura somente depois de ler a Grande Enciclopédia, já eram homens de seu tempo, porque foram seus esforços que fizeram aquela mudança cultural. O Iluminismo não foi um fenômeno de intelectualismo pedante e árido, foi movimento que aconteceu na prática, que não era como o que estava acontecendo na Itália naquele momento histórico, foi um movimento cultural que expressava as condições históricas daquele período (GRAMSCI, 2010a).

[...] Foi uma magnífica revolução, pela qual, como nota com agudeza De Sanctis na *História da Literatura Italiana*, se tinha formado em toda a Europa, como uma consciência unitária, uma internacional espiritual burguesa sensível em cada parte às dores e às desgraças comuns e que era a preparação melhor para a revolta sanguinolenta que depois se verificou em França (GRAMSCI, 2010a, p. 53-54, grifo do autor).

Segundo Gramsci, o exército de Napoleão já encontrava uma estrada aplainada pelo exército invisível de livros e de opúsculos que vinham de Paris desde o século XVIII, que tinham preparado homens e instituições para a renovação necessária. A renovação não é uma coisa natural e espontânea, ao contrário, “seria incompreensível se não se conhecessem os fatores de cultura que contribuíram para criar os estados de ânimo prontos para as explosões por uma causa que se julgava comum” (GRAMSCI, 2010a, p. 54).

Segundo Gramsci, também é importante levarmos em conta as questões mais utilitárias e produtivas da vida cotidiana em consideração àquelas as que estão mais presentes na contemporaneidade em virtude da superespecialização do “mundo do trabalho”, e que eram excluídas pelas concepções de cultura anteriormente construídas (VIEIRA, 1999). O fato de todos participarem da vida, confrontando-se com a natureza e a sociedade, de modo que encontram problemas reais e produzem soluções práticas faz com que a própria realidade exija deles um posicionamento na direção da construção de saberes para o cotidiano, que Gramsci denomina de “senso comum”. Porém, ainda falta à classe trabalhadora certo senso crítico, que só será construído com a formação cultural fundamentada no princípio do conhecimento humanista de cultura geral e nas modernas técnicas do trabalho (GRAMSCI, 2001a).

Considerações finais

Os breves apontamentos realizados nesse texto são aproximações iniciais, não cabe olharmos para elas pensando encontrar a exposição de todos os conceitos expostos nos escritos do pensador italiano. O presente escrito tem a intenção de gerar debates em relação às contribuições que ainda podemos buscar em Gramsci, e como ele pode contribuir para o processo de emancipação dos sujeitos. Enfatizar o papel que a cultura exerce na formação humana não significa que seja o único meio de construirmos o processo emancipatório. Pelo contrário, buscamos justamente mostrar que em Gramsci há vários elementos ainda não considerados, que devem ser explorados.

Pensar a cultura como um bem de todos é algo muito propagandeado, o que Gramsci quer mostrar é que para os trabalhadores a cultura toma um papel central no processo de emancipação, afirmando que sem ela não acontecerá a superação do modelo de sociabilidade vigente. Modelo este que mostra cada vez mais a impossibilidade de proporcionar a humanização dos sujeitos, e até por isso, não pode ser pensado como a solução para os problemas. Gramsci percebe isso, e crítica justamente as tentativas reformistas de colocar ao proletariado uma única forma de tornar-se humano, que pela busca incessante do ter e não na busca do ser mais.

Gramsci contribuía com sua crítica a essa visão mercantilista da realidade, mas ele também apresenta elementos para pensarmos outra forma sociabilidade, que pense todas as dimensões do ser humano, que não oprima e limite os sujeitos a determinações que são

antinaturais, que alienam e limitam as capacidades dos sujeitos de serem cada vez mais humanos e completos. É justamente contra essa percepção da sociedade que Gramsci lança essa crítica, e contra ela devemos lutar.

Referências

BOBBIO, Norberto. **Ensaio sobre Gramsci e o conceito de sociedade civil**. São Paulo: Paz e Terra. 2002. 137 p.

GOMES, Jarbas Mauricio. Cultura Geral e Escola Unitária em Gramsci. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 53, p. 153-172, Out., 2013.

GRAMSCI, Antonio. Socialismo e Cultura. In: MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. 2010a. p. 51-55.

_____. A escola do trabalho. In: MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. 2010b. p. 55-58.

_____. A escola vai à fábrica. In: MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. 2010c. p. 58-60.

_____. A universidade popular. In: MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. 2010d. p. 60-63.

_____. Homens ou máquinas?. In: MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. 2010e. p. 64-67.

_____. A escola de cultura. In: MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. 2010f. p. 67-69.

_____. **Escritos políticos**, v. 1: 1910-1920. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MARTINS, Angela Maria Souza. NEVES, Lúcia Maria Wanderley. Materialismo histórico, cultura e educação: Gramsci, Thompson e Williams. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 51, p. 341-359, Jun., 2013.

MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. 2010. 154 p.

SANTOS, Wilson da Silva. Uma leitura gramsciana subjetividade, sujeito e formação ético-política. in: LOMBARDI, José C. MAGALHAES, Livia D. R. SANTOS, Wilson da S. (Org.). **Gramsci no Limiar do século XXI**. Campinas: Librum Editora. 2013. p. 102-117.

SAVIANI, Dermeval. DUARTE, Newton. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, p. 422-433. 2010.

VIEIRA, Carlos Eduardo. OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Thompson e Gramsci: história, política e processos de formação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 519-537, abr./jun., 2010.

_____. Notas sobre Cultura e Formação Humana no Pensamento de Antonio Gramsci. In: IV Seminário de Pesquisa em Educação - Região Sul, 2002, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPEd, 2002. p. 01-08.

_____. Cultura e Formação Humana no Pensamento de Antonio Gramsci. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p-51-66, jan./jun. 1999.

_____. O historicismo gramsciano e a pesquisa em educação. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 11, n. 20, p. 31-51. 1993.